

## **Delírio, julho de 1940**

Um homem acorda, vai à janela e observa "a rua viva e o sol indiferente". Lembra-se da noite insone. Começa a delirar, dorme, acorda, não sabemos quanto tempo se passa.

Em um determinado momento, acorda, não está sozinho, uma moça está com ele.

Questiona-a sobre seu delírio:

"Se a Terra pudesse ter escolhido, negar-se-ia a criar, somente para não morrer? [...] Depois ela se vingou. Porque os seres criados sentiam-se tão superiores, tão livres que imaginaram poder passar sem ela. Ela sempre se vinga."

A moça consola-o: está delirando. De repente, um beijo.

Acorda no terraço do quarto de D. Marta, dona da pensão. Ela sugere-lhe que retorne para a família, somente eles poderiam fazê-lo descansar. Imaginamos então tratar-se de um escritor, já que ele fica "de luz acesa até madrugada, lendo e escrevendo...".

A moça do beijo reaparece, é sobrinha de D. Marta. Ela confirma tê-lo visitado. Ele se lembra do encontro, mas não consegue separar o delírio da realidade. Em um determinado momento, diz lembrar-se de tudo, a moça sorri. Ele entende o sorriso como sendo de cumplicidade.

Lembra-se então do delírio: "a terra parindo seus filhos, a dança dos seres sobre as feridas abertas", o sofrimento, a vingança final.

Pede um caderno e um lápis a D. Marta. Ela lhe diz para não trabalhar, pelo bem de sua saúde. Ele sabe que não deve, mas não pode evitar.

"Ele para, de súbito pensativo. E principalmente se ela soubesse que esforço lhe custava escrever... Quando começava, todas as suas fibras eriçavam-se, irritadas e magníficas. E enquanto não cobria o papel com suas letras nervosas, enquanto não sentia que elas eram o seu prolongamento, não cessava, esgotando-se até o fim... "A Terra, os braços contraídos de dor..." Sim, sua cabeça já está dolorida, pesada. Mas poderia conter sua luz, para poupar-se?". "Não, a Terra não pode escolher – conclui ambiguamente. Mas depois se vinga."